

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
PRÓ-REITORA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LIBRAS - EaD

LEIDIANE DA COSTA FERREIRA

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: A IMPORTÂNCIA DA LIBRAS NO ENSINO INFANTIL
PARA CRIANÇAS SURDAS E OUVINTES

PATOS - PB

2021

LEIDIANE DA COSTA FERREIRA

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA: A IMPORTÂNCIA DA LIBRAS NO ENSINO INFANTIL
PARA CRIANÇAS SURDAS E OUVINTES**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Especialização em Libras-EaD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – *Campus* Patos, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Libras.

Orientador (a): Profa. Esp. Michelle Vicente Dantas

PATOS - PB

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CAMPUS PATOS/IFPB

F383e Ferreira, Leidiane da Costa
Educação inclusiva: a importância da libras no ensino infantil para crianças surdas e ouvintes/ Leidiane da Costa Ferreira. - Patos, 2021.
30 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Libras - EAD) - Instituto Federal da Paraíba, 2021.
Orientadora: Prof^a. Esp. Michelle Vicente Dantas

1. Educação inclusiva 2. Libras 3. Ensino infantil
4. Surdos 5. Ouvintes I. Título.

CDU – 376

(ANEXO 4 - FOLHA DE APROVAÇÃO DA BANCA)

LEIDIANE DA COSTA FERREIRA

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA: A IMPORTÂNCIA DA LIBRAS NO ENSINO
INFANTIL PARA CRIANÇAS SURDAS E OUVINTES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora, do
Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia
da Paraíba (IFPB), para obtenção do título
de Especialista em Libras.

Patos, 09 de Fevereiro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Michelle Vicente Dantas

Profa. Esp. Michelle Vicente Dantas

Orientador(a) - IFPB

Heber Alisson Lima Felinto

Prof. Me. Heber Alisson Lima Felinto

Avallador(a) - IFPB

Jessica Andreza Alves Ferreira

Profa. Esp. Jessica Andreza Alves Ferreira

Avallador(a) - IFPB

Dedico a Deus, a minha família, ao meu esposo
e alguns amigos!

RESUMO

Este trabalho aborda sobre a Educação Inclusiva, a qual tem passado por desafios para ser inserida no ambiente escolar, além de discorrer sobre a importância da Libras para crianças surdas e ouvintes. No aspecto da Educação Inclusiva no Ensino Infantil, a inserção da Língua Brasileira de Sinais tem passado por períodos de resistências, resultando em exclusão da criança surda, assim como a inviabilidade de diálogo entre a criança surda e ouvinte. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo analisar a contribuição da Língua Brasileira de Sinais no Ensino Infantil, no sentido de inclusão da criança surda, assim como a interação entre surdos e ouvintes. Esta pesquisa foi realizada por meio de uma investigação bibliográfica e qualitativa, analisando artigos, revistas e monografias que apresentam autores, como Torres, Cruz e Henrique (2019), Silva, Modesto e Fukui (2019), Lima e Barbosa (2019), Alves (2019), Cananéa (2019), Freitas e Araújo (2020), dentre outros, os quais abordam ideias relevantes para o desenvolvimento deste trabalho. Os resultados indicam que a Libras é uma alternativa fundamental para que a criança surda seja incluída na sala de aula, ao mesmo tempo que seu contexto cultural é valorizado no ambiente escolar, bem como na sociedade. A criança ouvinte passa a conhecer e respeitar as diferenças do outro, interagir e socializar com o surdo por meio da Libras.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Libras. Ensino Infantil. Surdos. Ouvintes.

ABSTRACT

This work deals with Inclusive Education, which has gone through challenges to be inserted in the school environment, in addition to discussing the importance of Libras for deaf and hearing children. In the aspect of Inclusive Education in Early Childhood Education, the insertion of the Brazilian Sign Language has gone through periods of resistance, resulting in exclusion of the deaf child, as well as the impossibility of dialogue between the deaf child and the listener. In this sense, this work aims to analyze the contribution of the Brazilian Sign Language in Early Childhood Education, in the sense of inclusion of the deaf child, as well as the interaction between deaf and listeners. This research was carried out through a bibliographic and qualitative investigation, analyzing articles, magazines and monographs that present authors, such as Torres, Cruz and Henrique (2019), Silva, Modesto and Fukui (2019), Lima e Barbosa (2019), Alves (2019), Cananéa (2019), Freitas and Araújo (2020), among others, which address relevant ideas for the development of this work. The results indicate that Libras is a fundamental alternative for the deaf child to be included in the classroom, at the same time that its cultural context is valued in the school environment, as well as in society. The listening child comes to know and respect the differences of the other, interact and socialize with the deaf through Libras.

Keywords: Inclusive Education. Pounds. Kindergarten. Deaf. Listeners.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	07
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
2.1	BREVE HISTÓRICO SOBRE A EDUCAÇÃO E INCLUSÃO DOS SURDOS.....	10
2.2	A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS.....	12
2.2.1	O professor de Libras frente à inclusão.....	14
2.2.2	A Libras na Educação Infantil para Surdos e Ouvintes.....	16
2.2.3	Metodologias inclusivas para o ensino da Libras.....	18
3	MÉTODOS.....	22
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	23
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
	REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

A inclusão no ambiente escolar tem sido um desafio vivenciado diariamente pelos alunos que necessitam de um atendimento mais específico, assim como pelos profissionais que necessitam rever as metodologias utilizadas afim de garantir a efetivação do direito de inclusão. Porém, se tratando da criança surda, mesmo existindo diversos avanços no âmbito educacional, prevalecem limitações quanto a inserção da Libras na esfera educacional, privando este público da efetiva inclusão.

A criança surda tende a adquirir um nível linguístico limitado, devido a surdez e o convívio geralmente acontecer apenas com pessoas ouvintes, fazendo com esta aprenda alguns poucos sinais naturais ou nenhuma interação, resultando em isolamento e/ou exclusão social, preconceitos, dificuldade na cognição e na afetividade ao frequentar o ambiente escolar. Rodrigues e Prado (2018) fala sobre tal defasagem da língua resultado da exclusão do público surdo.

Este artigo científico intitulado, Educação Inclusiva: A importância da Libras no Ensino Infantil para alunos surdos e ouvintes, abordar sobre o ensino da língua de sinais para as crianças matriculadas na Educação Básica no Brasil, especificamente na Educação Infantil.

A escolha do tema deu-se pela realidade a qual a maioria das escolas vivem com relação à Educação Inclusiva, pois o atual cenário escolar não consta em geral com muitos professores proficientes em Libras e que tenham conhecimento acerca das singularidades da cultura surda, especificamente no aspecto da Educação Infantil e interação entre alunos surdos e ouvintes. E ainda, com a intenção de colaborar positivamente, de modo a facilitar a aprendizagem de crianças surdas ao incluí-las por meio da prática da Língua Brasileira de Sinais, ao mesmo tempo incentivar as crianças ouvintes a possuir algum domínio e condições de interagir com aluno surdo por meio de gestos e expressões possibilitadas pela Libras.

A problemática constitui-se em compreender o seguinte questionamento: Como a inserção da Libras na Educação Infantil favorece a inclusão da criança surda e contribui com o desenvolvimento da aprendizagem e interação das crianças surdas e ouvintes? Tal indagação foi norteadora para elaboração deste artigo e para nos remeter a refletir sobre o mérito do tema.

Quanto aos aspectos metodológicos, o presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, recorrendo à investigação bibliográfica, onde buscou-se apoio em artigos científicos, livros, revistas e dentre outros. Conforme Lakatos e Marconi (2003, p. 158) sobre a pesquisa bibliográfica “é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados,

revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema.”

Assim, propõe-se uma abordagem teórica que retrata sobre a contribuição da temática Educação Inclusiva e a importância da Libras no Ensino Infantil para crianças surdas e ouvintes. Foram realizados estudos acerca do tema no sentido de organizar os dados da pesquisa apresentando ideias de autores como: Silva et al (2018), que tratam da importância da Libras na Educação Infantil; Torres, Cruz e Henrique (2019), que visam trazer reflexões sobre a Língua Brasileira de Sinais em uma perspectiva inclusiva; Silva, Modesto e Fukui (2019), que enfatizam sobre a importância da inclusão da Libras e influência dos recursos utilizados no Ensino Infantil; e ainda Lima e Barbosa (2019), Alves (2019), Cananéa (2019), Freitas e Araújo (2020) e dentre outros.

O artigo encontra-se dividido em tópicos, sendo que o primeiro, apresenta o tema da pesquisa, problemática e objetivos; o segundo expõe a fundamentação teórica, trazendo abordagens sobre histórico da Educação e Inclusão dos Surdos; a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS; O professor de Libras frente à inclusão; a Libras na Educação Infantil para surdos e ouvintes e Metodologias inclusivas para o ensino da Libras; todavia os demais tópicos descrevem os métodos, resultados, discussão e finalmente a conclusão.

Para alcançar os resultados esperados, foi necessário relacionar e debater sobre a influência da Libras no Ensino Infantil, no sentido de contribuir com o desenvolvimento, aprendizagem da criança surda, facilitar a interação da mesma com alunos ouvintes e ainda colaborar com a formação do professor.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Geral

O objetivo geral deste artigo visa analisar a finalidade da Língua Brasileira de Sinais no Ensino Infantil, contribuindo com a inclusão da criança surda, assim como interação entre surdos e ouvintes, por meio da utilização da língua.

1.1.2 Específicos

Refletir sobre a inserção e influência da Libras no Ensino Infantil como mecanismo da comunicação, interação, sociabilização e afetividade entre crianças surdas e ouvintes;

Abordar sobre o desenvolvimento e aprendizagem da criança surda de forma inclusiva por meio do ensino de Libras;

Debater sobre a contribuição e formação profissional de professores de maneira reflexiva no âmbito da inclusão de criança surda na Educação Infantil.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este tópico apresenta as bases teóricas utilizadas como apoio para estudos realizados no decorrer da pesquisa, no sentido de fortalecer argumentos e alcançar os objetivos almejados. Os fundamentos teóricos apresentam considerações de diversos autores, como Torres, Cruz e Henrique (2019), Silva, Modesto e Fukui (2019), Lima e Barbosa (2019), Alves (2019), Cananéa (2019), Freitas e Araújo (2020), dentre outros, os quais abordam ideias importantes para o desenvolvimento deste trabalho.

2.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE A EDUCAÇÃO E INCLUSÃO DOS SURDOS

No decorrer dos anos, diversas mudanças ocorreram na Educação Infantil, inicialmente a criança não era diferenciada dos adultos, suas características próprias de criança não eram levadas em conta. Isto acontecia, conforme Ariès (1973) na Idade média, onde as crianças não possuíam diferenças entre as pessoas adultas, que estas “eram vistas como adultos em miniaturas”, assim como sem afetividade com os pais, se vestiam como adultos. Na escola, as crianças eram incluídas na mesma sala e sem separações por faixa etária. As crianças não possuíam laços familiares e tinham que se adequar as maneiras estabelecidas, não eram consideradas as suas particularidades, muito menos suas fragilidades. No decorrer dos anos as crianças foram sendo consideradas crianças, no instante que estas foram ganhando espaço no ambiente escolar.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 trata dos direitos Educacionais do Ensino Infantil ao Ensino Superior, afirma que “a educação, é dever da família e do Estado”. Especificamente na Educação Infantil, a LDB aborda o Ensino Infantil como primeira etapa da Educação Básica, onde a mesma objetiva incentivar os desenvolvimentos de diversos aspectos da criança, como físico, psicológico, social e ainda acrescentar as atitudes tanto da família como da comunidade. A aprovação da LDB foi uma conquista para o público infantil que até então não existia uma adequação para o ensino em cada etapa. O público infantil passou a ser visto como sendo criança e não como adulto e ser tratado como tal (LDB Nº9.394).

Além da LDB, Torres, Cruz e Henrique (2019) mencionam as Diretrizes Curriculares elaboradas pelo MEC e Conselho Nacional de Educação (CNE). Tais diretrizes traziam como principal objetivo a inclusão de crianças de 0 a 03 anos nas creches e de 4 a 5 anos na pré-

escola. Ainda, tais autores citam que em 1998 foi publicado o Referencial Curricular Nacional, com a finalidade de reger a educação em seu processo inclusivo de maneira avaliativa.

Historicamente falando sobre a inclusão da criança com deficiência, Dainez e Smolka (2019), apresentam uma abordagem “movimento de formação e ampliação do direito educacional/escolar a essa população. Sobre a LDBEN nº 5.692/71, especificamente em seu Art. 9º:

Os alunos que apresentem deficiências físicas ou mentais, os que se encontrem em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados deverão receber tratamento especial, de acordo com as normas fixadas pelos competentes Conselhos de Educação.

Nesse sentido, o artigo citado visava garantir em lei o tratamento especial aos alunos com algum tipo de deficiência desde a primeira etapa escolar, até então chamadas de 1º grau.

Desta forma, Castro e Dall’Acqua (2013, p. 1175) “apresenta, ainda, alguns dados do Censo Escolar entre os anos 1998 e 2006, ilustrando o aumento das matrículas de alunos com deficiência nas escolas comuns”. Nesse âmbito, é importante acrescentar que as leis buscam incluir e garantir uma educação inclusiva, onde a criança especificamente surda obtenha seu direito garantido, podendo ser incluídas na escola, venha a interagir socialmente com crianças ouvintes e assim não se sintam excluídas. As leis por si só não garantem a inclusão, é necessário que a escola desenvolva alternativas para atender as crianças surdas com foco na inserção deste na sala de aula com alunos ouvintes.

O Instituto Nacional de Educação dos Surdos (2018) discorre sobre a Língua Brasileira de Sinais, sendo que a mesma ainda não era de fato reconhecida, até então era utilizado o método oralista. No ano de 1896, este método passou a ser considerado ineficiente para os surdos.

Em 1994, foi aprovada a Declaração de Salamanca, que apresentou possibilidades em direção a educação para todos, considerando as necessidades de cada estudante, onde ambos devem aprender juntos. Neste instante, a Educação Inclusiva ganhou mais força, a partir de um princípio fundamental, afirmando que:

[...] todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade à todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades. Na verdade, deveria existir uma continuidade de serviços e apoio proporcional ao contínuo de necessidades especiais encontradas dentro da escola. (UNESCO, 1994, p. 05).

Sobre o reconhecimento da Libras, por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, considera-se como:

Meio legal de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil”. (BRASIL, art. 01º, 2002, p. 01).

Quando acontece este reconhecimento, os surdos passam a ganhar força, a conquistar seus direitos em Lei e assim buscar a garantia de sua inclusão escolar.

Antes do Decreto 5.626/2005, referente ao reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais que passou a ser oficialmente reconhecida, sendo uma significativa conquista histórica para as pessoas surdas, pois até então existia a Lei 10.436 de 24 de Abril de 2002 “que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências”. Até o decreto não existia uma política que referenciasse o ensino surdo na escola. O referido Decreto apresenta em seu cap. III a viabilização da formação bilíngue para alunos surdos que deve ser ofertada em qualquer escola.

Outro documento importante na perspectiva inclusiva foi a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva “que acompanha os avanços do conhecimento e das lutas sociais, visando constituir políticas públicas promotoras de uma educação de qualidade para todos os estudantes”. E o Decreto 7.611/2011, que “dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências”.

As políticas federais no âmbito da Educação Inclusiva apresentam diversos marcos históricos, especificamente para a comunidade surda. Vale ressaltar que todas as conquistas, e especificamente, este decreto tem sido resultado de movimentos que reivindicavam a inclusão dos surdos em qualquer escola.

2.2 A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS

Como citado anteriormente, a Língua Brasileira de Sinais passou a ser oficialmente reconhecida, por meio do Decreto 5.626/2005, somente no ano de 2005. Na concepção de Augusto (2019, p. 14) tal oficialização ocasionou:

A valorização da comunicação, ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil, aproximando a realidade e cultura surda a todos, fazendo com que outras áreas de investigação

voltassem suas pesquisas para o contexto linguístico que envolve a Libras.

Neste aspecto da Libras, passou a acontecer um melhor desenvolvimento dos surdos em seu âmbito social, facilitando o convívio, que deveria ser natural entre as pessoas. Porém, continuamente era inviável acontecer um diálogo entre pessoas surdas e ouvintes, devido à ausência de uma língua específica que contemplassem as pessoas com deficiência auditiva.

De acordo com Lima e Barbosa (2019, p. 04):

a Língua Brasileira de Sinais, bem como a cultura surda, vem progredindo em diferentes campos da sociedade, uma vez que ela passou a ser disseminada no contexto das instituições escolares de diversos segmentos, de espaços públicos e privados.

A partir da efetivação da Libras, notadamente, verifica-se que passou a existir uma vantagem intensa quanto a inclusão da pessoa surda, tanto na comunidade, como no contexto escolar e em locais públicos. Diariamente, contemplamos mais pessoas que utilizam a Libras para se comunicar com as pessoas surdas, o que nos leva a refletir sobre sua indispensabilidade na sociedade em geral, pois os surdos são indivíduos que possuem os mesmos direitos que as outras pessoas.

Quanto a inserção da Libras no contexto escolar, Mendonça et al (2018, p. 11) afirmam que “posto isso, vale ressaltar que, embora a Constituição afirme ser fundamental a presença de tradutores e intérpretes de Libras nas instituições de ensino, o ensino de Libras não é componente curricular obrigatório”. Neste aspecto educacional, sabemos que pelo fato de não ser exigido que as instituições escolares sejam obrigadas a oferecer a Libras no currículo, fica uma lacuna existente, que geralmente impede que o aluno surdo aprenda e tenha contato precocemente com sua língua materna que deve ser a Língua Brasileira de Sinais. Ao mesmo tempo, os alunos ouvintes geralmente não conhecem a Libras em seu ambiente escolar, limitando e/ou excluindo totalmente a interação entre ambos os públicos.

A Língua Brasileira de Sinais possui suas particularidades para as pessoas surdas e é considerada a língua natural deste público.

Sua modalidade é a gestual-visual, porque utiliza como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão. Assim, ela diferencia-se da Língua Portuguesa, que é uma língua de modalidade oral-auditiva, caracterizada por utilizar como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvidos. (ROCHA, LIMA e QUEIROZ, 2018, p. 44).

Neste enfoque, o autor enfatiza sobre a execução da Libras entre as pessoas (sejam surdas e/ou ouvintes), que acontecem muitos gestos e expressões, rica em detalhes que

certamente tendem a despertar um interesse dialogal entre os públicos envolvidos em uma comunicação em Libras. De acordo com o Ministério da Educação (MEC), citado por LIMA (2006, p. 26), “a aquisição da Libras desde a tenra idade possibilita às crianças surdas maior rapidez e naturalidade na exposição de seus sentimentos, desejos e necessidades”. Nessa perspectiva a criança surda quando em contato com a Libras precocemente tende a enriquecer seu conhecimento sobre a mesma.

Para Santiago, Guerra e Geglio (2011 apud CANANEIA 2019, p. 27), ela é “composta de um alfabeto manual e uma infinidade de sinais que se organizam por meio de alguns parâmetros linguísticos, tais como: configuração de mãos, ponto de articulação, movimento, direção e expressão facial e corporal”. Assim, diferente da Língua Portuguesa “oral-auditiva”, a Libras possui seus aspectos dinâmicos apresentados no momento que acontece a execução de movimentos, demonstração dos sentimentos que acontecem por meio de expressões faciais que contemplam a visão e outros proveitos que a mesma possui.

É necessário proporcionar a Língua Brasileira de Sinais a mesma importância dada a Língua Portuguesa, pois como afirma Augusto (2019, p. 11):

assim como uma criança sem problemas auditivos precisa aprender uma língua para conseguir se expressar e compreender o que acontece à sua volta, com a criança surda isso não é diferente

Desta maneira, a Libras tende a ser prioridade no ensino aos surdos, considerando, ainda na perspectiva do autor, e já citado em outro momento que a mesma “é o idioma materno dela e o português será sua segunda língua”.

Ainda neste contexto, Neto (2019, p. 24), menciona que a Língua de Sinais:

assim como a língua falada, é composta por sua própria gramática, semântica, pragmática, sintaxe e outros elementos que preenchem os requisitos básicos para ser considerado um processo linguístico visualmente que é diferente da língua de ouvintes em suas estruturas.

Desta forma, as pessoas surdas utilizam os movimentos possibilitados pelo sistema motor, no sentido de compensar à ausência de audição, ou seja, pelo fato de possuírem seu sistema sensorial afetado. Assim, o sinal é o modo facilitador da comunicação do surdo, da mesma forma que, a fala entre pessoas ouvintes é a alternativa mais eficiente para que aconteça o diálogo entre ambos. À vista disso, é significativamente marcante a conquista da Língua Brasileira de Sinais, considerando que por meio da execução dela, acontece a inclusão das pessoas surdas e sua cultura passa a ser visualizada pelas pessoas ouvintes por meio de um

ângulo sem intolerância, excluindo um pensamento enraizado de que “as pessoas surdas são limitadas”.

2.2.1 O professor de Libras frente a inclusão

Considerando que a Libras deve ser prioridade para a educação dos surdos, como L1, o professor desta língua caracteriza-se como sendo um dos maiores pilares frente à garantia de inclusão de tais educandos, visando proporcionar a capacidade destes serem inseridos na sociedade respeitosamente.

Faz-se indispensável favorecer que o professor regente junto com o professor Surdo e o intérprete de Libras conheça as especificidades que envolve as bases de aquisição da língua e da linguagem para criança surda, adquirindo meios, estratégias e instrumentos para o desenvolvimento do ensino dentro do contexto educacional inclusivo. (ALVES, 2019, p. 5)

Neste âmbito, o professor de Libras de maneira inclusiva, certamente almeja aprofundar os conhecimentos prévios dos alunos, buscando desempenhar um papel de modo acolhedor, oportunizando uma experiência facilitadora para o educando surdo, no sentido de garantir que a Libras seja efetivada como primeira língua do público surdo e a língua Portuguesa como L2, como forma de preparar o educando na compreensão de leituras textuais, escritos, etc.

O professor de Libras, assim como o intérprete possibilitam uma maior viabilidade de apresentar ao aluno surdo à sua língua materna (Libras), desta forma:

Na defesa do uso da língua de sinais como língua ideal para dar sustentação a toda atividade intelectual de sujeitos surdos, os adeptos dessa orientação defendem que é possível, por meio de práticas pedagógicas de letramento, levar o aluno surdo a apropriar-se da língua portuguesa escrita, em toda a sua complexidade, sem recorrer à oralidade. (SILVA E BOLSONELLO, 2014, p. 02).

Assim, quando o aluno tem uma proximidade significativa com a língua de sinais, acontece uma melhor apropriação da língua na modalidade escrita. Trabalhar L1 e L2 em sala de aula tende a ser a melhor alternativa para a efetivação do aluno surdo.

O parecer NCE/CEB nº 20 de novembro de 2009, trata sobre a importância das articulações realizadas pelos educadores.

A professora e o professor necessitam articular condições de organização dos espaços, tempos, materiais e das interações nas atividades para que as crianças possam expressar sua imaginação nos gestos, no corpo, na oralidade e/ou na língua de sinais, no faz de conta, no desenho e em suas primeiras tentativas de escrita (BRASIL, 2009, p. 14).

Desta forma, os professores no geral e em especial o educador da Libras por ser o mais preparado para atender os alunos surdos, têm de articular, planejar e buscar alternativas que fortaleçam a inserção da criança, respeitando suas particularidades. O apoio do profissional de Libras é indispensável diante da inclusão e desenvolvimento dos surdos por meio da Língua Brasileira de Sinais, como L1.

De fato, existe o desafio do ensino bilíngue, pois a inserção da Libras (L1) deve ser complementada pela Língua Portuguesa(L2). O professor de Libras quando executa a respectiva língua em sala de aula, inclui a criança surda por meio de seu conhecimento linguístico e suas possibilidades de expressar-se, ao mesmo tempo que ensina a criança ouvinte a compreender a língua e interagir com as crianças surdas. O autor Cananéa (2019, p. 24), fala que “[...] para garantir um ambiente onde todos falem duas línguas é necessário que a Libras passe a fazer parte do currículo escolar para todos, não somente para o surdo e o intérprete”. Assim, a escola fortalece sua abordagem inclusiva com o objetivo de acolher todos os públicos e suas singularidades.

O professor de Libras deve estar à frente da inclusão possibilitada ao aluno surdo no ambiente escolar e na facilitação de diálogo entre o público surdo e ouvinte. Enquanto os demais professores colaboram com o desenvolvimento do português de todos os alunos, considerando que, geralmente a criança inicia explorando a criatividade, ao mesmo tempo que aprende letras e formação do próprio nome. Para os surdos, o português complementa a Libras, para os ouvintes, a Libras complementa o português, assim, passa a acontecer uma inclusão integral entre os envolvidos.

2.2.2 A Libras na Educação Infantil para Surdos e Ouvintes

A Educação Inclusiva apresenta caminhos para inserir as pessoas com necessidades especiais no ambiente escolar. Incluir não está apenas direcionado a criação de novas leis, garantir a matrícula e inserir a criança dentro da escola, mas sim buscar alternativas que de fato contribuam com a aprendizagem e evolução infantil, se baseando nas diretrizes e bases que visam garantir o direito básico da educação. Especificamente sobre os alunos surdos e seus direitos, Torres, Cruz e Henrique (2019, p. 125) mencionam que:

a educação das crianças surdas vem sendo discutida há muito tempo, ganha forças devido as leis que amparam a educação inclusiva, dentro desse paradigma o bilinguismo abre novas oportunidades de interação com os seus colegas ouvintes.

Por meio da possibilidade de bilinguismo no ambiente escolar, a inclusão do público surdo e sua valorização individual tende a acontecer efetivamente.

Lodi (2013, p. 54), considera que:

o desenvolvimento de linguagem/apropriação da Libras pelos alunos surdos nos primeiros anos escolares é assegurado e, por conseguinte, garante-se uma sólida base educacional, uma vez que esta é desenvolvida em uma língua acessível aos alunos.

Quando a criança surda passa a ser incluída na escola regular de maneira inclusiva, os direitos passam a acontecer. E quando falamos em inclusão, não estamos especificamente enfatizando em inserir a criança com surdez no âmbito educacional.

Silva, Modesto e Fukui, (2019) ainda acrescentam que a inclusão depende do professor que busca destacar as facilidades e potencialidades durante a prática da aprendizagem, mas principalmente da forma que as crianças aprendem a socializar umas com as outras, respeitando as diferenças. A aplicação da Libras especificamente no Ensino Infantil, colabora efetivamente com a inclusão das crianças surdas, que no momento que é desprezado qualquer forma de preconceito, a criança ouvinte passa a interagir com a criança surda e compreender que as diferenças não são de fato o que se encontra em ênfase, mas sim a forma como é abordada a aceitação do outro em suas particularidades.

A educação para os surdos é repleta de desafios, onde acontecem conquistas, mas também preconceitos ainda existentes, prevalecendo a insistência de tentativa em oralizar o surdo. De acordo com Witkoski (2009, p. 565):

ao implicitamente não aceitar a diferença linguística, de percepção do mundo e forma de ser, essas práticas mascaram os preconceitos. Elas promovem uma pseudo inviabilização da surdez, realizada com o argumento de uma pretensa integração entre surdos e ouvintes.

É necessária uma inserção responsável da Libras e da Língua Portuguesa de forma cuidadosa, no sentido de evitar a exclusão dos surdos na efetivação de sua língua materna.

Quando acontece a inserção da Libras na Educação Infantil, não se observa apenas uma simples inclusão da criança surda, mas esta passa a receber garantia do seu direito quanto a participação no coletivo, ao mesmo tempo, torna-se favorecida em seu âmbito cultural, de forma que a Libras não se limite exclusivamente ao âmbito escolar, mas fortaleça a identificação e a prática da criança surda na sociedade

Lima e Barbosa, (2019) mencionam a Língua Brasileira de Sinais, assim como a cultura surda passa a ser destacada nos campos sociais, que por muito tempo os surdos foram excluídos

da sociedade e conseqüentemente percorreram períodos de “preconceitos linguísticos”. Assim, quando a Libras é inserida no ambiente escolar, especificamente no Ensino Infantil, tanto os estudantes surdos como os estudantes ouvintes tendem a aprender a se comunicar, interagir, fortalecendo as diversas identidades e contextos que estão dentro e fora da escola.

Quando os educandos surdos passam a conviver com as pessoas ouvintes e a Libras ser utilizada em sala de aula, passa a existir uma maturidade entre ambos, de forma que o surdo se sinta incluído e acolhido pelos demais e os ouvintes desenvolvem afeto e melhor comunicação, aceitação as diferenças que existem e ao mesmo tempo aconteça o respeito entre todas as crianças que constroem novos conceitos acerca das pessoas surdas.

Sobre Libras na Educação Infantil:

[...] é imprescindível que o sujeito surdo tenha oportunidades iguais a qualquer outro sujeito e isto somente acontecerá se lhe for permitido à aprendizagem de uma língua que lhe proporcione esta interação com a sociedade, [...]outro fator importante para esta interação que é a convivência com a comunidade surda que tem muita importância no desenvolvimento da identidade, pois nessa comunidade a língua de sinais ocorre de forma espontânea e efetiva e todo sujeito precisa interagir em seu meio, apropriar-se de sua cultura e de sua história, e formar sua identidade por intermédio do convívio com o outro. (SILVA; MODESTO; FUKUI, 2019, p. 56).

Torres, Cruz e Henrique (2019), enfatizam o quanto é importante a inserção de Libras no ambiente escolar, pois a Língua Brasileira de Sinais facilita o diálogo, a conversa entre o público surdo e público ouvinte, contribuindo com a interação entre alunos e professores.

Ainda nesta perspectiva:

Os estudos frequentes têm mostrado o quanto tem sido importante a inserção da Língua brasileira de Sinais LIBRAS no ambiente escolar, especialmente para as crianças surdas, pois esta tende a ser a linguagem habitual da comunidade surda. Esta língua tem possibilitado interação e interpretação mais adequadas durante diálogos de surdos com outros alunos e professores no âmbito educacional. (SILVA et al, 2018, p. 469).

Deste modo, tem sido indispensável a inserção da Libras no ambiente escolar, pelo fato de facilitar o diálogo entre alunos e professores, tornando assim, esta língua algo muito importante no ambiente escolar. Desta forma, o aluno é valorizado por acontecer interpretação de sua língua.

Barbosa e Quaresma (2011) versam que o ensino desta língua tende a ser essencial nas séries iniciais, porém, vai “além da sua importância para o desenvolvimento do surdo”, pois quando existe a utilização da Língua Brasileira de Sinais na escola em seu coletivo, acontece a promoção e interação entre surdos e ouvintes. Enquanto a criança surda consegue adquirir um melhor desenvolvimento por meio do ensino da Libras, existe a necessidade de ensinar esta Língua de Sinais as crianças surdas e ouvintes, considerando que ambos ainda não possuem um domínio sobre a Libras. Neste seguimento, existe a possibilidade de que aconteça uma efetiva

contribuição desta quando inserida logo no início da Educação Infantil, assim tanto a criança surda, que geralmente vem de família ouvinte, como a criança ouvinte se familiariza com a língua e ambos constroem um ambiente inclusivo e ao mesmo tempo interativo.

2.2.3 Metodologias inclusivas para o ensino da Libras

Na perspectiva da Educação Inclusiva, é necessário que aconteça a utilização de metodologias e ferramentas adaptadas que atendam ao público surdo e ouvinte, considerando que deve acontecer o ensino bilíngue e as barreiras de metodologias tradicionais sejam quebradas, dando espaço as práticas que facilitem a aprendizagem e a comunicação. Para isso, primeiramente é necessário:

Pensar em um ambiente de inclusão para o aluno surdo seria pensar em um ambiente onde o mesmo fosse capaz de interagir com todos, nos momentos que achasse oportuno para favorecer seu desenvolvimento; um ambiente onde as metodologias fossem pensadas para o aluno com surdez levando em consideração seu modo de percepção do mundo através de sua língua e também um ambiente onde ele não sofresse o preconceito de ser deixado à margem dos demais, por não falar a mesma língua da maioria. (CANANÉA, 2019, p. 27).

Existe uma diversidade escolar ampla que leva o corpo docente a refletir sobre metodologias que possam ser utilizadas em sala de aula que atendam as particularidades dos alunos, e principalmente se tratando de uma sala de aula que possua alunos surdos e ouvintes. Para Freitas e Araújo (2020, p. 02) em concordância, “o grande desafio na educação atualmente é oferecer um ensino que atenda alunos surdos e ouvintes, juntos, em sala de aula, e estabelecer para esses grupos a comunicação, ou seja, a Libras para os alunos surdos e a língua portuguesa para os ouvintes”. É bastante desafiador para o professor utilizar a Libras e a Língua Portuguesa no mesmo espaço escolar. Por isso, é necessário que o professor esteja capacitado para as diversas ocasiões que tendem a ocorrer na sala de aula e principalmente que a inclusão seja prioridade.

De acordo com Silva, Modesto e Fukui (2019, p.59), “os professores têm que ser qualificados e saber lidar com as diferenças, pois tem que ter uma conformidade no modo de ensinar, pois não será ensinada apenas uma língua, mas sim duas”. É importante que os educadores estejam preparados para atender públicos diversificados e se tratando de surdos e ouvintes é importante que o professor repense e planeje suas práticas, de forma que atendam tanto as crianças surdas como as crianças ouvintes, desenvolvendo estratégias que favoreçam a ambos.

Sobre a utilização da Libras, Cananéa (2019, p. 27) diz que a utilização da língua na etapa infantil além de

favorecer [...] a inclusão do surdo, pode desenvolver nos ouvintes as habilidades tão necessárias [...] com destaque para a atenção, motricidade fina, memória, outras linguagens, interação com a/o educadora/o, curiosidade e iniciativa/ autonomia.

Assim, tais habilidades tendem a facilitar o desenvolvimento da criança surda e da criança ouvinte, considerando que o exercício constante dos sinais intensifica a evolução da memória. A execução dos gestos, sinais e expressões passam a ser algo inédito executado em sala de aula, estimulando a imaginação e aproximando as crianças da praticidade e uso da Libras como alternativa inclusiva. Ainda na perspectiva do autor, na etapa do Ensino Infantil, a criança encontra-se na fase de “aquisição da linguagem”, sendo que a Libras é uma metodologia significativa para desenvolver as competências necessárias para a etapa.

A utilização dos recursos criativos, que contenham figuras, materiais lúdicos, painéis, dentre outros, tendem a possibilitar a interação e aprendizagem tanto do aluno surdo, como do aluno ouvinte. Cananéa (2019, p. 30) considera que “na linguagem oral (falada), também são apresentadas diferentes atividades que trabalham as linguagens corporal (dança), gestual (teatro) e todo tipo de linguagem que a criança aprende mesmo antes de usar a fala”. Sendo assim, é plausível trabalhar com a Libras em sala de aula utilizando atividades com material concreto que despertem na criança surda e na criança ouvinte o interesse pelas ferramentas aplicadas. Deste modo, os educandos passam a interagir dinamicamente e socializar com ferramentas, como: jogo da memória, quebra-cabeça, no sentido de demonstrar objetos utilizados no cotidiano e o sinal utilizado em Libras.

Quanto a exploração imagética, Reily (2003 apud CORREIA; NEVES, 2019, p. 7)

chama atenção para a importância da imagem no currículo de crianças surdas, atentando para a necessidade do letramento visual nas escolas, sugerindo que os educadores precisam fazer uma maior reflexão sobre o papel da imagem visual na produção do conhecimento.

Por meio do uso de imagens, é possível trabalhar o alfabeto em Libras, onde cada letra pode ser demonstrada por meio da imagem do sinal respectivamente de forma lúdica. Nesse sentido, é importante considerar que no Ensino Infantil é fundamental a utilização de vídeos, cartazes, jogos, dentre outros.

Considerando a relevância da inserção das metodologias inclusivas no ensino da Língua Brasileira de Sinais, no sentido de facilitar a inclusão do público surdo, os recursos didáticos

são contemplados de maneira mais intensa por estes indivíduos, devido seu melhor desempenho visual e espacial. Sobre a importância das imagens, podemos afirmar que:

[...] a construção da consciência de mundo e a interpretação da realidade são proporcionadas pela percepção da imagem, uma vez que esta acaba constituindo não somente uma ilustração do percebido, mas uma “linguagem” imagética. O uso da imagem e da “linguagem” imagética na literatura, poesia, filme, diálogo, tem significado pelos processos do “ver”, por meio dos olhares e do processamento visual sógnico, próprio dos Sujeitos Surdos-Mudos. (CAMPELLO, 2008, p. 81).

Nessa perspectiva, existe o Atendimento Educacional Especializado, que objetiva ofertar apoio aos alunos com deficiência, especificamente em horários opostos às aulas. Quanto aos estudantes surdos, o serviço visa complementar o processo de inclusão no ambiente escolar.

Deste modo:

O atendimento educacional especializado tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela. (BRASIL, 2008, p. 11).

Nas metodologias existem os recursos visuais, que são mais eficientes para a abordagem do ensino da Libras no ambiente escolar, seja na sala de aula regular e/ou na sala de Atendimento Educacional Especializado. Ao utilizar ferramentas imagéticas e letramento visual, o educador contribui efetivamente com o ensino-aprendizagem da criança surda, facilitando sua compreensão em seu contexto cultural, enquanto a criança ouvinte também é despertada por meio dos instrumentos interessantes, permitindo com que se efetue um desenvolvimento interativo entre os sujeitos surdos e sujeitos ouvintes.

3. MÉTODOS

O percurso metodológico deste trabalho originou-se de uma abordagem bibliográfica e qualitativa. Para Marconi e Lakatos (2017, p. 276) a pesquisa bibliográfica faz referência a “um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema”. Para tanto, faz-se necessário o uso da pesquisa bibliográfica no sentido de aprofundar o conhecimento teórico sobre o tema.

Quanto ao método qualitativo, Neves (1996, p. 01) cita que

a pesquisa qualitativa costuma ser direcionada, ao longo de seu desenvolvimento; além disso, não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados.

Deste modo a utilização da pesquisa qualitativa é complemento da investigação bibliográfica. Com relação ao caráter bibliográfico, foram realizados estudos por meio de artigos científicos, revistas, monografias e livros que permitiram uma análise precisa para realizar este trabalho. Neste sentido, sobre os estudos bibliográficos, Gil (2008, p. 71), expressa que a mesma “se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto”. Neste tipo de pesquisa são necessárias sequências de estágios e foram utilizados os seguintes: escolha do tema, levantamento bibliográfico, formulação do problema da pesquisa e seus respectivos objetivos, busca de fontes, leitura, fichamento do material, construção lógica do trabalho e redação do texto.

O estudo objetiva analisar o papel da Língua Brasileira de Sinais no Ensino Infantil, contribuindo com a inclusão da criança surda, assim como a interação entre surdos e ouvintes, por meio da utilização da língua, empregando a pesquisa descritiva para classificar os objetivos. Na concepção de Gil (2008, p. 28) “as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. Por fim, a pesquisa bibliográfica foi uma técnica adotada para o referido estudo, tendo como base os autores citados na fundamentação teórica.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos estudos abordados na perspectiva da Educação Inclusiva, observamos que aconteceram diversos movimentos e lutas relacionadas a mesma, além das possibilidades de conquistas do surdo e reconhecimento deste público na sociedade. A LDBEN nº 4.024/61, assim como a Lei nº 5.692/71 trouxeram algumas considerações sobre o atendimento ao público com algum tipo de deficiência, porém, sempre limitado.

A Educação Inclusiva tem sido considerada a forma com que as pessoas com necessidades especiais geralmente são inseridas no ambiente escolar, ou seja, geralmente apenas por meio de matrícula ativa e aceitando o aluno. Castro e Dall'Acqua (2013, p. 1179) menciona que: “o movimento em direção à escola inclusiva no Brasil vem se concretizando – no que diz respeito ao número de matrículas ao longo dos últimos anos”. Desta forma, não ocorre a elaboração das estratégias e práticas educacionais que incluam a criança e suas particularidades, contribuindo assim com sua aprendizagem e desenvolvimento social, interacional e cognitivo. Este modelo de “inserção”, exclui o aluno e o priva de suas potencialidades.

Sobre a inclusão da criança surda, a partir do reconhecimento da Libras, por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, regulamentada pelo Decreto de nº 5.626/2005, é importante assegurar que este público passou a ganhar espaço e destaque no ambiente educacional. Quando a Língua Brasileira de Sinais passou a ser inserida na escola, o público passou a ter seu direito reconhecido, que até então era limitado (e ainda é). Apesar do intenso debate sobre a necessidade urgente de transformação do sistema de ensino em um ambiente mais inclusivo, justo e mais democrático, as resistências ainda são muitas e, conseqüentemente, o processo em direção à escola mais inclusiva ainda é insuficiente.

Como relata Torres, Cruz e Henrique (2019, p. 131) “é crucial disseminar o estudo da Libras”. Enquanto Freitas e Araújo (2020, p. 02) sobre a associação do “domínio da linguagem presente nas escolas”, e da “Libras como modalidade direta de comunicação entre surdos e surdo, dará aos alunos a condição de integrar conhecimento múltiplo, de modo a dar-lhes condições reais de informação, comunicação e de conhecimento do outro”. Assim, o ensino de Libras é indispensável para que a criança surda seja incluída na sala de aula, de modo que aconteça o efetivo atendimento ao público surdo e ouvinte, ao mesmo tempo que o contexto cultural dos surdos seja valorizado no ambiente escolar, bem como na sociedade.

De acordo com a CNE/CEB Nº 2 (2001, p. 01), “os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com

necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos”. Portanto, esse é o maior desafio atualmente da inclusão da criança/pessoa surda é a possibilidade de oportunizá-la o seu direito de um ensino de qualidade, por meio das alternativas que facilitem a interação entre surdo e ouvintes.

Conforme, Torres, Cruz e Henrique (2019, p. 129), “a língua de sinais é a primeira língua do surdo, reconhecer a condição bilíngue do surdo é o começo de uma longa barreira de desafios e descobertas, acolhimento da língua de sinais no meio escolar é imprescindível para o surdo para seu desenvolvimento”. Pelo fato de a Libras ser considerada a língua materna do público surdo, o ensino desta na Educação Infantil promove a socialização, aprendizagem, e autonomia, despertando nestes alunos o interesse pela mesma, devido a dinâmica alcançada por meio da prática. Então, quando o professor educador insere a Libras como (L1) e a língua portuguesa como (L2) para atender os alunos surdos, oportuniza a ambos a possibilidade de expressão e principalmente reduz a exclusão deste público, que até a atualidade encara esta realidade.

Quanto a importância da Libras para crianças surdas e ouvintes no Ensino Infantil, acontece que, enquanto a criança surda tem seu direito garantido e colocado em prática, a criança ouvinte conhece e valoriza uma cultura diferente, passando a entender que todos os indivíduos são iguais, porém cada um como suas particularidades, aceitando a conviver e aceitar o outro, sem preconceitos. Neste contexto, além de valorizar a cultura surda, a Libras tende a utilizar metodologias dinâmicas.

Como abordado nos fundamentos teóricos, materiais imagéticos chamam atenção de ambos, as articulações e movimentos das mãos e expressões faciais são alguns mecanismos que auxiliam no desenvolvimento motor e de memória, contribuindo com a aprendizagem dos alunos surdos e ouvintes respectivamente. Conforme Campello (2008, p. 155), “para adaptar-se à ausência do som, os olhos procuram captar as expressões visuais[...]”. Nesse instante podemos perceber o quanto a visão é explorada pelos surdos, assim podemos intensificar o uso de imagens e movimentos para despertar o interesse da criança. Assim, quando utilizado material lúdico associado a Libras e o português, acontece de fato uma aprendizagem bilíngue, abrangendo todos os educandos, sempre considerando as particularidades existentes de cada aluno.

No que se refere as contribuições do professor como principal mediador em sala de aula, acontecem diversos contratempos com relação a disposição de educadores qualificados, de modo que venham a aprender a lidar com as diferenças e ensinar aos aprendentes a aceitar o outro e suas particularidades. No tocante a interação em sala de aula, Cananéa (2019, p. 24) diz

que “é preciso que o professor da sala regular construa um novo olhar sobre o estudante com surdez e dissemine isso entre as crianças”. Para isso, é necessário que aconteça com mais frequência a qualificação profissional, pois quando não existe um intérprete de Libras em sala de aula, o professor da Educação Infantil precisa enfrentar o desafio de dominar duas línguas ao mesmo tempo. Neste instante, é muito significativo que o mesmo reflita sobre suas práticas e a escola tente adequar seu currículo de maneira inclusiva envolvendo práticas metodológicas direcionadas ao público surdo e ouvinte, sempre com a finalidade de incluir todos os envolvidos no âmbito educacional, ou seja, coletivamente

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste artigo visa analisar a finalidade da Língua Brasileira de Sinais no Ensino Infantil, contribuindo com a inclusão da criança surda, assim como interação entre surdos e ouvintes, por meio da utilização da língua.

Entende-se no decorrer deste trabalho que a Educação Inclusiva apresenta limites e obstáculos para que ocorra uma efetiva inclusão dos alunos que necessitam de um acolhimento educacional, que garantam seu direito de frequentar a escola e principalmente em ser atendido conforme suas necessidades. Com a criança surda, especificadamente, não tem sido diferente, mesmo com a presença de diversas leis (e que realmente tem sido um avanço notório) que visam garantir o direito de inclusão do aluno surdo, ainda a muito o que ser moldado.

A Libras mesmo sendo regulamentada não é efetivamente aplicada em sala de aula, pois. a presença de um intérprete de Libras não acontece tão frequentemente ou quase sempre a escola não dispõe deste profissional, resultando em exclusão do aluno surdo mesmo este estando matriculado. Neste instante, o professor de Educação Infantil torna-se responsável em executar práticas metodológicas que envolvam o público surdo, assim como o público ouvinte. A Libras é a melhor alternativa para envolver o aluno surdo em sala de aula, considerando que esta deve ser sua língua materna. Enquanto o aluno ouvinte passa a conhecer, ter seu primeiro contato com a Língua Brasileira de Sinais e entender que por meio da prática desta acontece um diálogo e interação entre os dois públicos.

Por fim, consideramos que a Libras não é somente a língua dos surdos, mas uma alternativa de inclusão para crianças surdas e ouvintes no Ensino Infantil, vista como mecanismo da comunicação, interação, socialização e afetividade, que deve ser colocada em prática na escola, na família e na sociedade em geral. O professor ao utilizar a Libras está incluindo a criança surda no ambiente escolar e ao mesmo tempo facilitando o convívio entre ambos. Para tanto, é fundamental que a escola apresente um sistema educacional direcionado para a Educação Inclusiva, englobando a Libras como alternativa de inserção e preparação para a vida em sociedade, propondo estratégias, facilitando o convívio e fortalecendo o respeito entre as crianças surdas e ouvinte, adquirindo mais cedo sua autonomia, auto confiança e independência.

Nesse sentido, este estudo pode subsidiar debates sobre a reorientação do currículo escolar com base na educação inclusiva, bem como a necessidade da qualificação pedagógica permanente dos docentes. Enfim, espera-se que este artigo possa construir um auxílio relevante para a conscientização dos futuros educadores. E, que possa servir de motivação para outras

pesquisas que apresentem mais aspectos relevantes como intensificação na qualificação do corpo docente para a melhoria da qualidade da educação ofertada nas escolas que se dizem inclusivas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Vanessa Cristina. A Formação de Professores Ouvintes Para o Ensino Bilíngue (Libras/ Português) de Crianças Surdas nas Escolas Inclusivas. **A Interlocução de Saberes na Formação Docente**, v.3, p.1- 7. Ponta Grossa - PR, 2019.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

AUGUSTO, Vanessa Cristina. **A Importância do Ensino de Libras para Ouvintes no Curso de Pedagogia**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Centro Universitário do Sul de Minas – Unis/Mg. Varginha, 2019.

BARBOSA, Sândala. QUARESMA, Soraya. **A importância do ensino de Libras – Língua Brasileira de sinais no contexto escolar. Recanto das Letras**. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/3022214>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

BRASIL. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Brasília, DF, 1961.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional, n. 5692**. Brasília, DF: MEC, 1971.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Decreto nº **5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Brasília, DF, 2005.

BRASIL. Decreto-**Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <www.mec.gov.br/seesp/legislacao.shtm>. Acesso em: 12 set. 2020

BRASIL. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. Decreto nº **7.611 de 17 de novembro de 2011**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília, DF. Diário Oficial da União, 2011.

_____. Ministério da Educação. **RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, de 11 de fevereiro de 2001**. Brasília DF, 2001.

_____. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB nº 20 de 11 de novembro de 2009**. Brasília DF:MEC, 2009.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Pedagogia Visual Na Educação Dos Surdos-Mudos**. 2008. Tese (Doutorado de Educação). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

CANANÉA, Leandro Batista. **O Uso da Libras Na Educação Infantil: Uma Experiência Inclusiva no Projeto Aponte**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Universidade Federal Da Paraíba. João Pessoa, 2019.

CASTRO, Vanessa Dias Bueno; DALL'ACQUA, Maria Júlia Canazza. Matrículas de alunos público-alvo da educação especial: dados dos censos escolares entre 2008 e 2012. In: **Encontro Da Associação Brasileira De pesquisadores Em Educação Especial**, 7., 2013, Londrina. Londrina: [s. n.], 2013.

DAINEZ, Débora; SMOLKA, Ana Luíza Bustamante. A função social da escola em discussão, sob a perspectiva da educação inclusiva. **Educação e Pesquisa**, vol.45. São Paulo 2019 Epub Apr 18, 2019.

FREITAS, Guilherme Gonçalves. ARAÚJO, Marco André Franco de. Interdisciplinaridade na Educação de Crianças Surdas e Ouvintes: Uma Proposta de Atividades Envolvendo Libras e Meio Ambiente. **Revista Educação Pública**, v.20, nº 37, 29 de setembro de 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Editora Atlas. 6. ed. – São Paulo, 2008.

GUERRA, R. A.; GEGLIO, P. C.; SANTIAGO, S. A. S. **Educação e Inclusão social**. In: **Ciências Biológicas, Cadernos CB Virtual**, 8. João Pessoa. Editora Universitária, UFPB. 2011 apud CANANÉA, Leandro Batista. **O Uso da Libras Na Educação Infantil: Uma Experiência Inclusiva no Projeto Aponte**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Universidade Federal Da Paraíba. João Pessoa, 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DOS SURDOS (INES). **Libras**. 2018. Disponível em: < <https://www.libras.com.br/ines>>. Acesso em: 1 de dez. 2020.

LIMA, Aline Guimarães; BARBOSA, Ana Rita de Cássio Santos. **O Ensino de Libras Para Crianças Ouvintes: Uma Experiência na Educação Infantil**. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Bahia, 2019.

LODI, Ana Claudia Balieiro. Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto nº 5.626/05. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 49-63, jan./mar. 2013.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8.ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MEC. **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez**. [4. ed.] / elaboração prof.ª Daisy Maria Collet de Araújo Lima – Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal... [et. al.]. – Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.89 p.: il.

MENDONÇA, Lorena Medeiros et al. A Importância Da Libras Como Componente Curricular Na Educação Básica. **Revista Educação: Saberes e Práticas**, v. 7, n. 1. Brasília, 2018.

NEVES, José Luiz. Pesquisa Qualitativa – Características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v.1, n.3, 2º. sem./1996.

NETO, Francisco de Acací Viana. **Letramento Visual: Uma Percepção Da Aprendizagem de Alunos Surdos No Ensino Médio**. Monografia (Licenciatura em Letras Libras) - Universidade Federal Rural do Semiárido. Caraúbas – RN, 2019.

REILY, L. H. **As imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos**. In: SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. (Orgs.). Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades. Cap. IX (pp.161-192). São Paulo: Plexus, 2003 apud CORREIA, Patrícia Carla da Hora; NEVES, Barbara Coelho. A escuta visual: a Educação de Surdos e a utilização de recurso visual imagético na prática pedagógica. **Revista Educação Especial**, v. 32, 2019, p. 01-19. Santa Maria, 2019.

RODRIGUES, Sara; PRADO, Rosana. O Ensino de Libras como Segunda Língua para Crianças Ouvintes na Escola Regular: Um Possível Caminho para a Inclusão de Alunos Surdos. In: LIMA, Neusa Rejane Wille et al. (Orgs.). **Ponto de Vista em Diversidade e Inclusão**, v.04. Rio de Janeiro, 2018. Cap. 10, p. 81-85.

ROCHA, Paul Symon Ribeiro; LIMA, Rommel Wladimir de; QUEIROZ, Paulo Gabriel G.; Tecnologias para o Ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS): Uma Revisão Sistemática da Literatura. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, v.26, n.3, p. 42-60, mar.-set. 2018.

SILVA, Tânia dos Santos Alvarez da; BOLSANELLO, Maria Augusta. Atribuição de significado à escrita, por crianças surdas usuárias de língua de sinais. **Educar em Revista**. Educ. rev. no. spe-2 Curitiba 2014.

SILVA, Kátia Gomes de Oliveira; MODESTO Adélia Pereira dos Santos; FUKUI, Regina Kikui. A Importância do Ensino de Libras para Crianças Surdas na Educação Infantil. **Revista Psicologia & Saberes**, v. 9, n. 17, p. 51-61, 2019.

SILVA, et al. Inclusão Escolar: Concepções dos Profissionais da Escola sobre o Surdo e a Surdez. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 38 n°3, p. 465-479, 2018.

TORRES, André Henrique Furtado, CRUZ, Eva da Cruz; HENRIQUE, Victor Hugo de Oliveira . Libras na Educação Infantil: Diálogos necessários para uma Educação Inclusiva. Atenas Editora. **Políticas Públicas na Educação Brasileira: Caminhos para a Inclusão 2**, v.2, p. 124-133, 2019.

UNESCO. **Declaração de Salamanca sobre princípios, política e práticas na área das necessidades educativas especiais**. 1994. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> >. Acesso: 01 dez 2020.

WITKOSKI, Sílvia Andreis. Surdez e preconceito: a norma da fala e o mito da leitura da palavra falada, **Rev. Bras. Educ.** Rio de Janeiro: v.14, n.42, p. 565-575, set.-dez.2009.